

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

184

INSCRIÇÕES 685-687



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



CUPA DA HERDADE DO PASSO DO CONDE
(*Conventus Pacensis*)

Identificou-se na Herdade do Passo do Conde, freguesia de Baleizão, concelho de Beja, a servir de frade junto a um casão do “monte”, uma cupa funerária romana, de granito com pátina rosada. Deve ter sido trazida para ali nos anos 60, pois sabe-se que já ali estava desde antes de 1974. Agradecemos a Fernando Valente, que nos deu a conhecer a peça; a Miguel Castelo Branco proprietário do Monte do Paço do Conde, e a José Susano, feitor, pelas facilidades concedidas para o estudo do monumento.

Dessa herdade e do mesmo local proveio a cupa de L(*ucius*) I(*ulius*) Polibius, que se expõe no Museu de Évora¹, o que indicia a possibilidade de estarmos perante um assentamento romano, *villa* ou *vicus*. Tal circunstância poderá, em nossa opinião, determinado que só agora se tenha dado real conta do monumento, porque, apesar de ter sido vista por vários arqueólogos, historiadores e interessados, foi sempre confundido com a cupa que está no museu de Évora, pois são muito idênticas nas dimensões e na decoração.

À cupa apenas falta uma parte do soco (FIG. 1). Está

¹ Tem o nº de inventário 1723 e está estudada em: ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>. Inscrição nº 307.

decorada, no dorso, com a representação de quatro pares de aros de aduelas; e há, nos topos, uma decoração em forma de rabo de peixe (FIG. 2), comum nas cupas do termo de *Pax Iulia*. A inscrição situa-se num campo epigráfico que segue os cânones das cupas locais: no dorso, limitado lateralmente pelos filetes interiores que desenhavam os arcos da aduela e, em cima e em baixo, por um filete horizontal.

Está bastante deteriorado pelas intempéries o campo epigráfico (FIG. 3) e, por outro lado, a localização da cupa impede a realização de fotografia em boas condições de legibilidade². Certos de que as nossas propostas de interpretação podem vir a ser melhoradas quando houver a possibilidade de tirar a pedra do sítio, não hesitamos, porém, em dar, desde já, o nosso contributo, não apenas como registo mas também para que, desta sorte, com o estudo feito, mais fáceis poderem vir a ser as diligências para o monumento vir a ser posto a bom recato, como documento histórico que é.

Dimensões (em cm): comprimento: 89; largura nos topos: 34; largura máxima no dorso: 51; altura nos topos (sem contar com o soco): 26; altura máxima no dorso (sem contar com o soco): 29; altura do soco: 9; largura do soco: 4; largura dos pares de aros: 6 (3 cm cada); distância dos aros laterais aos topos: 5; distância entre os aros laterais e centrais: 17; distância entre os aros centrais: 21

Campo epigráfico: 18 x 21

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) / VERVS ANN[O]/RVM ·
XVIII (undeviginti) MV/STE MATER F(ilio) / ⁵ P(onendum) ·
C(uravit) · H(ic) [S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)]

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Vero, de 19 anos. Muste, a mãe, mandou colocar para o filho. Que a terra te seja leve.

² Agradecemos todo o apoio dado nesse sentido por Guilherme Cardoso e Maria Luísa Batalha. Assim como a Alexandre Canha, pelo tratamento da foto mediante filtro adequado (FIG. 4).

Altura das letras: 3. Espaços interlineares: 1.

As condições da pedra não permitem uma análise paleográfica consistente nem, sequer, afirmar peremptoriamente em que moldes foi feita a paginação. O habitual nas cupas bejenses é ser ocupado por completo o campo epigráfico, sendo inserida segundo um eixo de simetria a dedicatória inicial, que reconstituímos mais por ser normal a sua presença do que por termos logrado, com segurança mínima, discernir essas três letras.

Na l. 2, hesitámos entre VERVS e VETVS, porque a superfície está mais gasta ao nível da 3ª letra. Qualquer um deles é *cognomen* etimologicamente latino; mas entre *Vetus* e *Verus*, inclinámo-nos para *Verus*, pelo simples facto de Kajanto, com base no CIL, ter encontrado 20 testemunhos de *Vetus* e, de *Verus*, 518 homens e 195 mulheres³. Deverá existir um ponto a seguir ao S (esguio e levemente inclinado para a frente) e o A (sem barra); os dois NN estão bastante abertos e inclinados também para diante. O o ou sumiu ou é mais pequeno.

A palavra ANNORVM termina na linha seguinte, estando o R menos perceptível que VM (M bem aberto). Não se nos afigura passível de dúvida a idade mencionada. Vemos de seguida M bastante largo também e inclinado para trás, seguido de V assaz estreito, por imposição do exíguo espaço ao seu dispor. Fomos tentados a ver X antes do V, precedido de E, o que levaria a ler *Exuste*.

De facto, o nome, com terminação em – e à maneira grega, completa-se na l. 4, onde STE é possível, embora a barra do T não esteja bem perceptível; e do E desapareceram as barras intermédia e inferior. Temos uma *Aelia Exusia* em Roma (CIL VI 53), considerada de etimologia grega. Há testemunhos de *Exustus*, antropónimo que poderá ter conotação com o adjectivo *exustus*, que significa «queimado», «ardente»; o feminino seria, normalmente, *Exusta*; sendo, porém, de conotação grega (eventual liberta ou escrava), a terminação em -e não sofre admiração. Estaríamos, todavia, perante caso único na documentação

³ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 17 e 18.

epigráfica. Optando por *Muste*, dir-se-á que Kajanto⁴ cita *Mustus* (*cognomen*) como sendo de origem africana, onde abundam os nomes com essa raiz *Must-*. Regista-se, aliás, em Serpa uma *Caecil(ia) Mustia Uticens(is)*⁵.

Nessa l. 4 ler-se-á MATER, em caracteres espaçados e desalinhados (M largo, A sem travessão, R pouco perceptível), e, no final, incompleto devido à fractura, o F (*filio*).

Na l. 5, P amplo, inclinado para diante e seguido de um ponto bem redondo; o C vê-se bem, assim como o que nos parecem ser os traços de um H. Tal nos permitiu supor que – embora se não distingam as siglas – teremos, a concluir, o formulário habitual, que propusemos.

Se *Verus* se situa entre os cognomes latinos frequentemente atestados nos monumentos epigráficos, uma consulta à base de dados de Clauss⁶ confirma a abundância de antropónimos com o radical *Must-* (v. g., *Mustus*, *Musta*, *Musteolus*, *Mustela*...), tanto na *Numidia* como na *Mauritania Caesariensis*. Não se deve inferir daí, *a priori*, uma relação próxima das personagens referidas nesta epígrafe com estratos populacionais norte-africanos; mas a tentação não é despicienda, devido a todo o contexto de evidente ligação de *Pax Iulia* com as gentes do Norte de África romano e ao carácter onomástico singular desta epígrafe.

Pela paleografia e pela estrutura textual, dataríamos o monumento da 2ª metade do século II d. C.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JORGE FEIO

⁴ KAJANTO, o. c., p. 302 e 253, respectivamente.

⁵ ENCARNAÇÃO (José d'), «Epigrafia», in LOPES (Maria Conceição), CARVALHO (Pedro C.) e GOMES (Sofia M.), *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Câmara Municipal de Serpa, 1997, p. 116, nº 25; *Idem*, «L'Africa et la Lusitania: trois notes épigraphiques», *L'Africa Romana* 13, Roma, 2000, p. 1292-1294 (= HEP 7 1997, nº 1154; AE 2000 668).

⁶ EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>

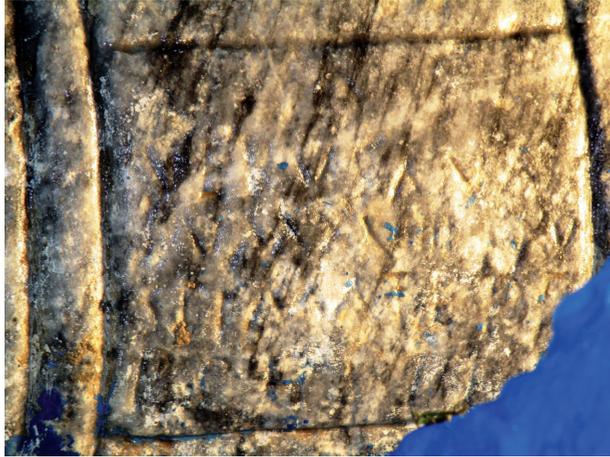


1

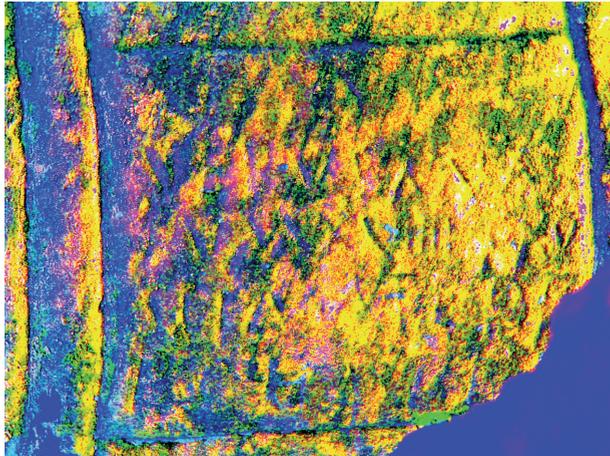


2

686



3



4

686